

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15485 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 24 - GE Educação e Povos Indígenas

## SABERES INDÍGENAS ENTRELAÇADOS NA APRENDIZAGEM DA CONVIVÊNCIA COTIDIANA

Maria Laura Brito Ortis - UCS - Universidade de Caxias do Sul

### RESUMO:

Nesse texto, o objetivo é compreender a importância dos saberes indígenas, rituais e processos de trocas em meio ao contexto atual. A presente produção reconhece a relevância de conhecimentos, saberes indígenas e processos próprios de aprendizagem enquanto componentes importantes em projetos de educação escolar indígena e não-escolar. O texto resulta autobiografia, pois uma das autoras é indígena da etnia Tariana ( Talyasere) além da análise de entrevista com dois indígenas, ambos da etnia Tariana e da pesquisa bibliográfica, Os povos originários possuem saberes e valores que lhes permitiram viver por milênios em interação respeitosa com os outros seres vivos, animais ou vegetais. Estes saberes têm servido não só aos povos que os engendraram, mas também são utilizados por toda a humanidade. Cada povo indígena possui um clã patrilinear, posto que reconhecem uma origem comum. Os conhecimentos tradicionais indígenas estão vinculados ao contexto vivenciado no cotidiano.

**Palavras-chave:** Indígena, saberes indígenas, aprendizagem e tradições.

## Introdução

O presente artigo tem entre suas autoras uma mulher indígena e por meio da pesquisa científica busca honrar e situar sua ancestralidade. O objetivo desse texto é compreender, a importância dos saberes indígenas, os rituais e processos de trocas em meio ao contexto atual. Mediante a diversidade e acúmulos de pesquisas e produções acadêmicas, especialmente no âmbito da antropologia, sabemos que a inter-relação, a amplitude e a complexidade das mudanças no cotidiano de populações consideradas tradicionais, em especial dos povos indígenas, decorrentes das interferências governamentais e não-governamentais nos seus territórios, tem sido recorrente.

A presente produção reconhece a relevância dos conhecimentos, dos saberes indígenas e dos processos próprios de aprendizagem enquanto componentes importantes em projetos de educação escolar indígena e não-escolar. Acreditamos que as visões de mundo, os mitos, a história, a noção da hierarquia dos clãs, das relações de parentesco, da territorialidade, a compreensão da fauna, da flora, o emprego das técnicas nas atividades de pesca, da caça, no cultivo, na construção de uma habitação, o uso de plantas medicinais, o emprego das substâncias analgésicas, a orientação nas constelações, nas cheias e vazantes dos rios, a implementação e uso dos instrumentos de danças, dos objetos ritualísticos, a fabricação de objetos de uso doméstico, das indumentárias, à culinária, às crenças ao mundo sobrenatural entre outros, são alguns dos conhecimentos que os indígenas portam e que são transmitidos

por meio da convivência, de práticas culturais vinculadas ao cotidiano.

Sendo assim, metodologicamente, o texto resulta de relato autobiográfico, pois uma das autoras é indígena da etnia Tariana ( Talyasere) além da análise de uma entrevista com outros dois indígenas, um homem e uma mulher, ambos da etnia Tariana e da pesquisa bibliográfica, destacando-se Fontoura (2006), Pollak (1992), Halbwachs (2006) e Brito (1999). O artigo está organizado em dois momentos. No primeiro situamos a história do surgimento da cultura indígena e no segundo momento é realizada a análise a partir das entrevistas com o intuito de entender como acontecia a educação na infância e da vida adulta por meio das práticas culturais cotidianas.

### **UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES E CRENÇAS, MAPEANDO AS PRÁTICAS CULTURAIS**

Um dos fatos mais importantes no cotidiano dos povos indígenas são os calendários indígenas, segundo escritos dos pesquisadores (Navarro, 2008) o calendário maia é um dos mais complexos e precisos que se tem conhecimento, intercalando calendários solares e siderais.

E o calendário apresentado a seguir é um dos calendários dos indígenas da região Norte e esse calendário foi descrito segundo Fontoura (2006) da pesquisa feita com o avô de uma das autoras, Cândido Brito (in memoriam). Trata-se do calendário da Etnia Tariana. Conversando sobre a questão do calendário específico que está associado ao surgimento de certas constelações, se afirma que os Talyáseri também acompanham os índices pluviométricos, as épocas das cheias [u:nane] e vazantes [kamu-yapi] dos rios. Isso facilita a captura dos seus alimentos, a abertura dos roçados, a efetivação do plantio entre outros. Por isso a importância de ter um calendário próprio. Cada constelação representa uma subida do nível da água dos rios – é a enchente causada segundo eles, pelas chuvas que se concentram em intervalos de tempos que se inicia conforme forem aglomerando novas constelações e tornando-se cada vez mais brandas quando começam a desfazer-se. E ela afirma que essa é uma época chuvosa, em alguns momentos há fartura de peixes, saúvas e rãs, que sabendo desses períodos os Talyáseri já se prontificaram para armazenar os seus alimentos.

Quadro 01 - Calendário dos Talyáseri - Autor: Candido Brito (in memoria)

Nome Talyáseri	Tradução português	Época aproximada	Características	Estação
1. Ye	Tatu	Meados de fevereiro	Começo da estação das chuvas; abundância de formigas saúvas (kasiteru, dâne, pisi)	
2. Yáka	Camarão	Final de fevereiro a meado de Março	Começo da desova de peixes os sapos (rã)comestíveis (paici) cantam	
3.Yawi-i-činuma	Boca do jaguar	Meados de março a início de abril	Desova de peixes, os rios estão cheios, as chuvas alternam com o calor.	

4. Yawi Makite	Jaguar inteiro	Início a meados de abril	Os peixes desovam, os rios inudam.	
5. Hyupaki iri	Filho de uma espada	Meados de abril a início de maio	Sapos e rãs comestíveis cantam, há bastante peixe, lama e chuva	
6. Hyupaki.	espada	Início de maio a meados de maio	Peixe esta ficando escasso	
7. Kuphe- Kayama-re	Grelha para defumar peixe	Meados à final de maio	Ainda esta chovendo: os peixes pararam de desovar; não tem mais sapos e rãs; é época de pescar aracu branco (tari) em pequenas lagoas	u:nane 'inundações, enchentes, cheia: dilúvio' (bastant peixe).
8. Walipere iri	Filhos de Plêiades	Final de maio a meados de junho.	Chuvisco, garoa, ondas de frente fria, aparecimento do bicho preguiça	
9. Walipere	Plêiades	Meados de junho até os últimos dez dias de junho		
10. Ñewi	Lontra	Os últimos dez dias de junho a início de julho.	Chove pouco; aparecimento de uma estrela da constelação "Lontra".	
11. Ñewi i-puna	Estrada de uma lontra	Início de julho a meados de julho	Chove um pouco; aparecimento de outra estrela da constelação Lontra	
12. Yare	Escorpião	Meados de julho á final de julho	Final da estação chuvosa; começam a trabalhar nas roças.	
13. Yuru-kamu, pana-re.	Época do peixe Yuru	Ao redor de Agosto.	As cigarras cantam; caçam paca e mutum. Há alguns peixes. Queimam e limpam terrenos para futuras roças e começam a plantar	Kamu-Yapi (ciclo de calor climático) 'estação de seca' (pouco peixe)
14. Ma:ri	Garça	Ao redor de setembro	Não há peixe; começa a chover pouco	
15. Pisyari	Época da formiga saúva preta	Ao redor de outubro	A chegada das formigas saúvas; há poucos peixes	Unane 'época da chuva' (também chamada de pequena estação chuvosa), 'pouco peixe'
16. ãpi, ãpyari.	Planta ãpi	Ao redor de novembro	Muritu começam a cantar; chove e peixes estão escassos.	
17. Hawaya-kamu	Verão de ingá	Dezembro	Para de chover; melhor época para preparar as roças; época de ingá.	
18. Pipiri-kamu	Verão de pupunha	Início a meados de janeiro	Época da seca; época para colher pupunha, cucura e cucura pequena/cucurinha.	Kamu-yapi 'Época da seca' (alguns peixes)

19. Kameheru-kamu	Verão de cucura	Meados à final de janeiro
20. Yepu-kamu	Verão de cucurinha	Início a meadas de fevereiro

Fonte: Fontoura, 2006, p. 124 .

A fase das inundações (cheias), das secas, são tempos mapeados, vinculados às estações e a passagem do tempo, no ano. Segundo o mesmo autor, Fontoura (2006, p. 64)

Embora essa época seja de chuvas, os Talyáseri saem com suas esposas para os roçados, porque, primeiro fazem a previsão de tempo, calculam o momento que a chuva pode cair, previnem-se dos fenômenos da natureza construindo pequenas barracas<sup>79</sup> em seus roçados, para se protegerem e realizarem os seus lanches. O conhecimento das constelações é importante para os Talyáseri, porque, é o calendário natural, através dele planejam a maior parte de suas atividades. Por isso, em anexo se encontra o calendário dos Talyáseri na íntegra, sob a autoria do Brito (2000) elaborado com a colaboração da lingüista Aikhenvald. Como tenho afirmado no início, este calendário, embora sendo de autoria de um Talyáseri pode não estar em consenso com a dos que moram em outros lugares, porque, pode haver variação nas características uma vez que as referências utilizadas por ele, é de um contexto específico – a comunidade de Santa Rosa - lugar onde ele construiu o seu conhecimento. As constelações podem não variar, mas, as características sim. Anexe esse dado para afirmar que os Talyáseri também possuem o seu calendário, assim como todos os outros povos.

Pela oralidade, eles transmitem através da narração de episódio que aconteceu como um de seus ancestrais mítico denominado de Ahkomi, onde ele é agarrado e arrastado na margem do rio Uaupés, pelos Yaipiri-Pihikarâque tem o sentido de ‘onças com dentes grandes’.

Nas memórias de própria autora, quando criança, o avô falava dos saberes adotados e desenvolvidos pelos Talyáseri desde os seus ancestrais e continuamente renovados a cada geração. Assim, constitui na percepção destes ao que chamamos aqui de conhecimento – “payekanipe” que compreende: os mitos, as visões de mundo, a hierarquia dos clãs, as relações de parentesco, territorialidade, a compreensão da fauna, flora, o domínio das técnicas de pesca, da caça, cultivo, construção de uma habitação, o uso de plantas medicinais, o emprego das substâncias analgésicas e enteógenas, das constelações, as cheias e vazantes dos rios, a implementação e uso dos instrumentos de danças, dos objetos ritualísticos, a fabricação de objetos de uso doméstico, das indumentárias, a culinária entre outros.

### **COMO OS SABERES INDÍGENAS E MEMÓRIAS SÃO VALORIZADOS**

Nas convivências cotidianas, práticas culturais constituem lembranças sobre os modos como vivemos, os valores, os costumes, os ‘jeitos’ próprios de fazer e viver, bem como os sentidos e significados partilhados com e a partir de tais vivências. Para valorizar essas memórias, o movimento de pesquisa se fez com entrevistas, por meio da metodologia da história oral. No caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como

interpretar esse material (POLLAK, 1992, p. 201).

Cada cultura tem seu ritmo próprio de reprodução, de conservação e de mudança, uma dinâmica. Apesar de sabermos que existem algumas situações que produzem mudanças mais rápidas e intensas. O processo de diversificação cultural vem se arrefecendo por conta do processo de homogeneização cultural, isto é, a adoção de usos e costumes entre culturas diferentes.

A prática cultural impede que vejamos o outro a partir de seu próprio ponto de vista, de forma coerente, e acaba criando distorções e imagens preconceituosas acerca do outro. Os elementos que compõem uma cultura só têm sentido em função do conjunto; sua validade depende do contexto em que está inserido, de sua posição em meio aos outros níveis e conteúdos da cultura de que faz parte. Cada cultura proporciona a seus membros o sentido de ser e estar no mundo.

Antigamente os conhecimentos era transmitido dentro da maloca (casa de dança). A “maloca” é o espaço por excelência de transmissão de conhecimentos entre os Talyáseri e espaço de convivência; era lá que, a cada período que completava os habitantes reviviam a sua história, a trajetória percorrida pelos seus ancestrais, os costumes, crenças e tradições. Em cada festa que realizavam relembavam e dançavam os cantos e as danças que herdaram de seus ancestrais. E ao mesmo tempo transmitiam essa sabedoria aos demais membros do clã, dessa forma nem os cantos e as danças se perdiam.

Segundo Jovino, “desde o início quando um filho se casou o pai começou a explicar assim: você agora está casando e tudo que eu falei você deve ter entendido desde o início, e também chamou a nora e convidou para sentar para dar conselho no qual ele diz; você ficou com meu filho porque você o ama”. Assim, o pai ia conversando, explicando como viver, se relacionar, as regras. Antigamente nenhum deles estudava e a educação era produzida oralmente, pelo exemplo, pela convivência. “O pai aconselhava o filho dizendo que a partir de agora vocês tem que ter sabedoria, para seguir construindo família” (Jovino Brito, 2024).

Segundo Olivia, “toda aprendizagem de uma mulher ocorre na companhia de sua mãe, assim como o processo de aprendizagem de um rapaz, na companhia de seu pai. Os filhos aprendem o trabalho juntos com os seus pais. É neste sentido, que o menino vai saber identificar o tipo do solo bom para fazer a roça de mata virgem. Ela relata que o seu pai procurava terra boa para fazer roças. Os antigos gostavam de derrubar a roça de mata virgem, por uma simples explicação, que faz valer a pena seguir este conselho até hoje.

## **Conclusões**

Reviver a memória da minha cultura indígena e etnia Tariana é refortalecer a identidade de cada povo que participe em condições de igualdade na sociedade indígena e não indígena sem distanciá-los das próprias culturas com especificidades étnicas para contribuir na sociedade indígena e na sociedade não-indígena e também dessa forma é construída uma educação indígena para os estudantes e crianças indígenas baseada nos conhecimento e saberes desses

estudantes, crianças, professores e comunidade indígena em geral.

### **Referências**

BRITO, Candido. BRITO, Olívia S. et. ali. **Dicionário Tariana – Português – Taria Yarupene Panumape kakalitekappe**. Camberra, 1999. (Versão Preliminar – Working Document).

FONTOURA, Ivo Fernandes. Formas de transmissão de conhecimentos entre os Tariano da região do Rio Uaupés – AM. Recife: - O Autor, 2006. 126 folhas.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.